1.º ANO 1.ª SÉRIE N.º 4

Semanário humorístico e literário

Propriedade da Emprêsa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua do Paio Galvão, 70

Composto e impresso nas oficinas da Tipografia Minerva Vimaranense

Guimarães, 23 de Abril de 1916

O Pardal na censura

Era já noite cerrada, quando vi—ou por outra —quando me apresentaram o *Primeiro de Janeiro* de quarta, desanove.

Li... vi e disse cá para com os meus botões: já se não pode ser padre nesta freguesia.

Pois que!... então já a senhora *censura* entra assim pelo reino da *berzunda*, pelo pagode dentro? Que grande bexigueira que ela me saiu!

Quási não acreditaria, se não visse! Mas que grande ratona!

Já que ela se mete assim na pagodeira, pela nossa parte retiramos o nosso aplauso, o nosso voto.

Oh! senhores, a gente o que quer é rir-se, mas às escondidas, de maneira que ninguêm nos veja, nem nos oiça.

Agora pelo simples facto do distinto jornalista Guedes de Oliveira passar a dizer mais alto: que há fome, que não há pão... enfim... tudo quanto entra cá pró papo, salta de lá a tal cidadã e zás... agacha-te senão ficas sem cabeça. Apesar de não lhe tirarem a cabeça, foram-lhe levando o meio, isto é: a barriga.

Então?!... Acharam lógico...

—Queixas-te da fome?

—Dizes que vais comer por ração?

Pois bem, a gente extrai-te o estomago e tu jámais pedirás pão, jámais sentirás a fome.

Que grande reinação!...

—V. Ex.as querem assim, ou com mais môlho? Nós, no entanto, para que não sejamos obrigados também a meter a fala no buxo, vamos escrevendo à cautela, e toda a cautela é pouca. Apesar dos nossos censores serem umas belas almas.

Quero querer não terão o desejo de nós, humildes rabiscadores, enviarmos o nosso *humorístico* aos dignos assinantes e leitores em branco, êles que logo manhã cêdo se levantam, não para vêrem romper o sol, mas sim para lerem as notícias fresquinhas, mais frescas do que um capilé de dez réis, que nós sempre tivemos o gôsto de lhes apresentar.

Ai não!...

Ao entrar o **Pardal** em casa, tudo pára!...

Pára a gentil costureirita de dar o seu ponto, o farmaceutico de fazer pílulas, o regedor de fazer requerimentos e até no registo civil deixam de passar certidões de óbito, coisa que faz cho-

rar, para se agarrarem ao **Pardal** a rir... a rir... a rir...

Por isso, por favor, e por amor à arte, não façam ganhar *brancas* ao **Pardal.**

Deixem que o público ria, apesar de não termos graça nenhuma; mas sem **Pardal**, o que será dos nossos gentis protectores? Ficavam mais descontentes do que o sol no inverno. E' capaz de lhes dar algum ataque que atire com êles p'rás malvas e então o crime será maior...

Por quem são... Vejam lá.

Pardal.

O Pardal na depenicadela

Há muito parlapatão que sente um inefável prazer em meter o nariz... mesmo em coisas que cheirem a esturro. Perros e bravos, arrebitam as orelhas, e êles aí estão a meter constantemente o nariz em tudo.

Muitas vezes um grupo de cidadãos discute afavelmente e desapaixonadamente (isto é um modo de falar, pois que criaturas que falem sem paixão não existem em Portugal) o caso mais sensacional e predominante do dia, e zás, lá vem um troca-tintas com carinha de enfastiado meter o seu narizinho na conversa, muito disposto a emitir a sua autorizada opinião. E há cada um que é de se lhe tirar o chapéu.

Há-os de todos as côres e feitios. Abundam como os cogumelos.

Falam, discutem, gesticulam, contraem as faces boçais num sorriso palerma e prosseguem sempre, num ruminar de toupeira, chegando mesmo a dirigir a conversa para particularidades alheias, censurando, criticando, difamando.

*
* *

A semana passada foi consagrada pelo senado Vimaranense às suas reuniões. Durante êsses oito dias, a respeitável assistência (duas ou três pessoas) não teve o grato prazer de ouvir falar os oradores, pois durante essa semana, o senado, por falta de senadores, não chegou, segundo nos afirmam, a reunir uma só vez.

Foram oito dias de espera!

E' extraordinário mas é verdade. A questão é de notar.

Cheguem-lhes ao bico 3333 réis e verão como muda de figura.

A vida está cara.

Trabalhar de graça? Isso foi no tempo da outra senhora que Deus haja! Hoje os tempos vão bicudos.

*
* *

Estamos num tempo em que tudo é mais leve do que o ar— em que tudo sobe. Sobem os ovos como zeppelins de motor poderoso; as batatas como variegadas bolas de sabão; e o vinho como macaco por corda acima; até a carne de vaca, como se fôsse de algum boi com azas.

Tem razão senhora *Gazeta da Figueira:* Tudo sobe.

Sobem as subsistências e sobem os homens...

Até o Tónio Zé subiu!...

Não acham extraordinário?!

*
* *

Que pésinhos sem senão!
Dirá quem os vir calçados.
Sabe Deus, os desgraçados
Lá dentro como êles vão.

(Da *G. da F.*)

*
* *

Vimos na **Liberdade** um espaço em branco, na carta de Guimarães.

Então sôr Moniz... cuidado... cuidado e prudência.

Isto agora é oitra coisa. Eles que escrevam e nós que os leiamos.

Até dá vontade de a gente cantar o:

Pirolito,
Que bate,
Que bate,
Nesta grande pepineira.
Fazem cada disparate,
.....
Por causa da censura.

*
* *

Mais um pró charco e agora ao pé da barra de Cascais.

Sarão os alamões... Sarão?
Começa a fita!...
Há quem diga que não....
Oh! tia Rita,
Sarão os alamões?...

*
* *

O milho vai em pipos, vai em caixotes... etc.

Qualquer dia, até vai na barriga dos pardais. E êle há cada *pardal!*

Anda por aí um de **Famalicão** que até leva tudo, só de feijão vai aos quinhentos alqueires por semana.

Safa!

E o desgraçado do **povo** que o comprava a 960, agora custa-lhe 1100...

Toma! que é para abrires os olhos.

O Pardal na secção de carapuças

IV

A gabar-te enches a boca
a toda a parte onde vás,
que nunca fôste capaz
de ninguêm prejudicar;
mas, se a balança ao serviço
da tua mercearia
pudesse falar um dia...
muito havia de contar.

João Brejeiro.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

XIII

Eu não quero amor corcunda,
porque a corcunda é enguiço;
muito asno não dá coice
por não ter pata p'ra isso.

XIV

Não caso p'ra não trazer
contínuo trambolho à perna;
hoje em questão de política
a barriga é que governa.

XV

Teus olhos azuis são negros
de traição e de má fé;
não há espelho que convença
um imbecil de que o é.

XVI

Quem me dera a liberdade
que perdi por me casar;
todo o burro come palha,
é questão saber-lha dar.

J. Brejeiro.

Várias

Fica aberta hoje a Farmácia Alves Mendes, onde os nossos Ex.mos Leitores encontram, além de vários medicamentos, o Biogenol.

O Pardal à luz da lua

Que raiva!

Cheguei uma cadeira para a mesa
e sentei-me de pena preparada
pesquizando na mente sublimada
uma coisa qualquer e de grandeza.

Esquicei, rebusquei... na mesma — nada!...
Tudo vasio e fôsco, uma pobresa
que para lhes falar toda a franqueza
a cabeça eu senti desmiolada.

Pus-me à janela e vi uma figueira
que me lembrou a morte dêsse Judas
que quiz morrer bem quite duma asneira...

Tempos!... Hoje, entre grandes e miudas,
não tinhamos figueiras a chegarem
p'ra dois terços dos Judas se enforcarem!

Tirteu.

Sem pés nem cabeça

—V. Ex.ª dá-me licença?...

—Queira entrar!...

—O humilde *Pardal* tem a subida honra de o cumprimentar...

—Pois quê... E V. Ex.ª é...

—Eu mesmo...

—Aquele que me faz rir com a sua graça invulgar... que desde o seu primeiro número até agora, me obrigou a ter de encomendar, ao Grandela, três dúzias de suspensórios.

—Eu todo em carne e ôsso... V. Ex.ª por certo ignora o motivo da minha visita...

—Pois bem... queira dizer...

—Ora eu sou só... vivo só... moro só numa casa dum só andar. Passeio só e ceio só!... Só escrevo... e faço verso dum pé só!...

—Pelo visto, V. Ex.ª é uma solidão?...

—Escute... Necessitava de todo o auxilio de V. Ex.ª para poder dar ao público meia dúzia de compassos de valsas.

—Mas eu... Um simples compositor de música para ferrinhos... Por quem é...

—Creia V. Ex.ª me prestará um grande favor. Que importa que o talento seja nulo... se o nome é tudo? Que importa que F... seja uma besta, se passa aí por inteligente? Que importa que V. Ex.ª, sendo um compositor de música para ferrinhos... passe amanhã a fazer solos para bombo?

—Mas...

—Qual mas... A vida é isto... e eu espero todo o valioso auxilio de V. Ex.ª. Necessito que a venda tome proporções assustadoras e agora, no tempo que corre, só com música. Como poderei eu, humilde pássaro, cantar se não tenho quem me assobie?

Por isso mais uma vez imploro da sua bondade, para que no mais curto prazo eu possa apresentar aos amigos leitores o hino... o hino pardalesco.

—V. Ex.ª tem razão. P'ra tudo se quer música. O animatógrafo, o teatro, os próprios cartazes são acompanhados do ensurdecedor rufo do tambor.

—Também eu, humilde *Pardal*, necessito de todos os domingos saír ao toque de caixa para não ser esquecido como aconteceu no passado domingo.

—Ilustre compositor... *(à saída esbarra com uma estatueta de barro)*. Perdão...

—Não há novidade... E' uma figura prévia.

—A's suas ordens e creia que se tocará o hino no próximo número, para o qual já vou escrever as primeiras notas.

Jacinto.

Se quereis um bom chapéu por preço módico, comprai-o na Chapelaria FREITAS—Toural

O Pardal para Mademoiselles

Fitas o nada, absorta
Na sombra do nosso Amor...
A's vezes também eu fito
As sombras da minha dor.

A. A. Mesquita.

*
* *

O **amor** é um vulcão que, embora o não possamos ver, arde em nossos corações e nos abrasa com as suas ardentes lavas.

*
* *

Saudade! Merencória flor dos amores. Que fundos mistérios encerras na tua matizada corola!

No teu calice setinoso ocultas as lágrimas e no meu peito te escondes num oceano de máguas ocultas.

*
* *

Feliz do homem que, nos momentos mais acerbos da vida, teve para amenizar o seu dorido pranto os ternos e meigos sorrisos da mulhar amada.

*
* *

Os pombos são os mensageiros dum suave e doce sentimento que se chama *Amor*.

*
* *

Quem ama sofre, e êsse sofrer, ora horroroso ora sublime, acompanha-nos por toda a estrada da vida, até que desapareça nas trevas do passado o luminoso sol da nossa mocidade.

*
* *

Sinto no íntimo de meu peito uma dor, que guardarei oculta até ao dia em que nas azas da felicidade for transportado para junto de ti, minha doce amada. Nesse dia respirarei ao teu lado o ar primaveril de felicidade e o sol, com a sua cabeleira de oiro, iluminará a rota da minha vida dissipando assim as trevas da tristeza que ora envolvem o meu coração despedaçado pela saudade.

O PARDAL NA MUDA

Recebemos a carta que abaixo publicamos, para que, no caso de algum leitor desejar algumas acções, a fineza de tirar mais informes nesta redacção:

Il.mo Sr.

Sabendo que V. S. sempre se interessa por qualquer negócio vantajoso, tomo a liberdade de apresentar o que me parece uma excelente proposta para negócio, e, na qual, sem dúvida, V. S. tomará verdadeiro interêsse. Queira ter a bondade de me avisar a quantidade de acções que V. S. deseja subscrever para o fim de formar uma companhia para a exploração desta minha idéa.

O fim desta companhia é desenvolver uma grande fazenda de criação de gatos, perto de Frossos, onde os terrenos são possíveis de obter por preços baratissimos.

Para começar, obteremos, digamos, 1.000:000 de gatos. Cada gato reproduzirá uma média de 12 gatos por ano. As peles poderão ser vendidas ao preço de 500 réis cada pele branca e 800 réis para as completamente pretas. Teremos então mais ou menos 12:000:000 de peles para serem vendidas a uma média de 500 réis cada uma. Isso nos dará uma renda de Rs. 20:000$000 diários.

Um operário poderá esfolar 50 gatos por dia. Teremos que lhe pagar seis mil réis (6$000) pelo trabalho. Serão precisos 100 homens para fazer este serviço, portanto, o lucro será de mais ou menos 19:400$000 por dia.

Alimentaremos os gatos com ratos (é o alimento preferível) e iniciaremos uma fazenda de criação de ratos na vizinhança da fazenda de criação de gatos. Os ratos, como sabe, reproduzir-se hão quatro vezes mais rápidamente do que os gatos, e se começarmos com 1.000:000 de ratos, teremos quatro ratos por dia, para cada gato, o que será mais do que suficiente.

Como dissemos, alimentaremos os gatos com ratos, e por sua vez alimentaremos os ratos, com fatias de cadaveres de gatos, e desta fórma dando a cada rato, um quarto de gato.

Verifica-se por êstes algarismos que o negócio correrá por si mesmo e quási automáticamente.

Os gatos comerão os ratos e os ratos comerão os gatos, e nós ficaremos com as *peles*.

Aguardando o prazer de uma breve resposta para que possamos iniciar o negócio com a máxima brevidade, subscrevemo-nos,

Atentos e creados obrigados.

Rotowtssh & Gatumworth Co. Ltd.

Correspondência

CAIXA

Alberto Silva—Recebemos; obrigado.

Eduardo Santos — Para a semana.

A. Lemos—Até hoje nada; era favor mandar.

Joãosinho — Olhe menino, você está com uma febre... se nós quizessemos o **Pardal** em frangalhos era publicar-lhe os seus originais.

F. Castro—Não publicamos; não por amor aos ossos, mas sim por não querermos brincar com petizes. Nós também cá temos pistolas, e de sobra.

Alfredo Felix—Tem muito gato; necessita bastantes emendas.

Os paradoxos são aos centos.

O PARDAL CÁ POR CASA

No soneto *Sons de Abril*, 2.ª linha da 1.ª quadra, onde se lê: *pranteado*, deve ler-se *prateado*.

O Pardal no dicionário

Anis—A côr do meu nariz...—p'ra rimar.—

Anjo—Menina que tem azas, mas não vôa.

Antenas — Adornos, que se colocam por preços insignificantes.

Anus Buraco redondo.

Anzol—O que elas nos lançam, para a gente lhes comer a isca.

Apaixonado — Menino que escreve trinta cartas ao dia, para não receber uma unica resposta.

Apalpadeira—Madama que na fronteira nos faz cocegas e descobre coisas encobertas.

Apalpadela—O que se faz contínuamente e que já tem dado zaragata.

Apartar — O que eu faço para o lado esquerdo.

Apatetado—Cidadão que se julga ajuizado.

Apepinar — Levar tudo, como nós, p'ra chuchadeira... elle é bem mau.

Apimentada — Comida que nos sabe a alho.

Apitar—(Ficar a). Irem os outros e nós não...

Apito — Instrumento que muito polícia tem engulido, sem querer.

Apoiado — Palavra sacra, no senado, quando o sono ataca.

Aparatosa — Demoiselle toda cheia de... não... presta, e a julgar-se alguem.

Aparelhos — Espartilhos e seus componentes...

Apupo — Grito que anda muito em voga.

Arratel — O que certos mercieiros nos dão por meio kilo.

Arrecadas — Uma taboa de salvação, quando a gente se vê numa entalação.

Arreda—Frase eterna do tio, do que foi nos tempos ominosos, rei dêste tam cantado pais.

DR. XABREGAS.

AH! ! ! ! ! ! !
. . . . . .

OH! ! ! ! ! ! !
. . . . . .

IH ! ! ! ! ! ! !
. . . . . .

UH! ! ! ! ! ! !
. . . . . .

EH! É... é... sim, senhor!
. . . . . .

Nós.

N. da R.—Por causa da crítica.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Eu sou o que vendo mais barato.

B. Matos.

Eu sou o que mais barato vendo.

Cardoso.

Não posso colecionar o **Pardal**, prefiro colecionar estampilhas.

A. Dias Castro.

Eu sou o pae.

Assumpção.

Eu sou o filho.

Azevedo.

Eu sou o neto... E todos fazemos fatos por medida.

Fontes.

Vendo *tócos* a preço reduzido.

Cunha.

Na revista **Ai que... fita** é que eu vou fazer uma fita...

Peixoto.

Fiquei com os dois pardais e devolvi o terceiro. Maneira de lêr a borla.

E. Fernandes.

Ouro compro e vendo... agora o **Pardal** não, que me gasta *milho*.

A. Fernandes.

Tenho dois automoveis: um gasta gazolina e leva cinco pessoas; outro gasta palha e leva-me só a mim.

G. Pereira.

Se não tapo o **Alemão** ficava sem freguezia.

A. Cardoso.

Quem tem por ai um almude, p'ra levar uma receita?

Carneiro.

Corto sem dó nem piedade.

P. Guimarães.

Se querem vêr o Papa vão a minha casa.

Ferreira Guimarães.

Conto... conto... conto e no final nada!

G. Rodrigues.

Salta lá um violoncelo p'ra um solo!

Carreira.

Vou também fazer drogas a terminarem em **ol.**

Rodrigo Dias.

Baixa o assucar mas eu não baixo ao café.

Fernandes.

Durmo um sono enquanto faço um soneto.

Leão.

High-Life!... High-Life!...

Chico Pires.

Detesto tudo e todos para só amar a República!

Virgínio Baptista.

Ai que fita!! Ai que fita!!

Corrêa Peixoto.

Nem París nem Berlim tem uma coisa assim...

J. Lerdeira.

Vou dançar o Maxixe da revista «Ai que fita!»

Jacinto.

Quem é que leva a palma?

Mesquita.

Que culpa tenho eu de ser bonito?

Coimbra.

O Pardal em ceara alheia

Boa resposta

Passeava um janota impertigado, nos sapatos ruidosas chiadeiras quando apanha um petiz todo empenhado em rebuscar-lhe o fundo às algibeiras.

—Oh! tratante!—êle diz, todo indignado tu assim tão pequeno e já ladrão?!
—E' verdade! e o sôr todo aceado, e nos bolsos não traz senão cotão.

ESSE E ERRE.

—Teu marido ainda é gentil como quando era noivo? Ainda te traz flores?
—Traz... mas em vez de flor, é couve-flor.

Gravatas, camisas, guarda-chuvas por preços insignificantes na **Chapelaria FREITAS—Toural**— Correi a ver a exposição

O Pardal na galeria

Teatro Gil Vicente

Com as «Rosas de Nossa Senhora», peça em três actos, que já conheciamos, teve a sua estreia no domingo passado a Companhia Dramática Portuguêsa.

Entrecho pequeno e banal.

Dos artistas salientaram-se Correia Peixoto num bom Anastácio, e Freitas no Carriço, pecando bastante no 3.º acto ignoramos as razões, posto que é artista. J. Cardoso deslocado bastante. Pedimos-lhe não se abalance a fazer galãs cínicos, pois a voz não o auxilia.

Tem uma inflexão má, principalmente nos finais das frases, onde parece que toma folego e lhe rouba o valor que tem. Todo o seu gesto fisionómico é feito só com os olhos a ponto de, por várias vezes, não ver os personagens nem talvez o público.

De Oliveira diremos apenas que necessita ser mais cuidadoso na caracterização, em vista da cabeleira, por mal finada, lhe saía da nuca, no entanto os nossos cumprimentos, visto que em três dias não mais se podia conseguir.

Nêna, galante e gentil, mas com falta de voz, necessita mais jogo de scena, no entanto admiramos e auguramos-lhe um belo futuro.

Julia, Mesquita, Zina e Coimbra não puderam nesta peça mostrar-nos o seu valor e trabalho. E por hoje até à revista...

«Ai que fita!...»

ZIUL.

CINES

High-Life—*Mistérios do Velho Castelo,* em quatro partes.

TEATRO

Gil Vicente—A revista—*Ai que Fita!...* em 3 actos e 6 quadros.

O PARDAL NO CARNET

Vítima de uma pneumonia, faleceu no domingo o Sr. Francisco Jácome, com relojoaria á rua de Paio Galvão.

Era muito trabalhador e hábil no seu ramo de negócio.

No testamento com que faleceu, deixa testamenteira a Sociedade Martins Sarmento e herdeiros o Asilo de Santa Estefánia, Asilo de Mendicidade, corporação dos bombeiros voluntarios e Associação Artística.

O funeral foi muito concorrido, encorporando se no cortejo fúnebre, além de vários amigos, as associações e instituições de beneficência que pelo extinto foram contempladas.

*

Em avançada idade, sucumbiu o industrial Sr. Luís de Pina, pai dos Srs. capitão Luís Augusto de Pina, José L. de Pina, reitor do Liceu e António L. de Pina, chefe da fiscalização dos impostos do distrito.

Os responsos de sepultura efectuaram-se na Misericórdia, com larga assistência de amigos da familia do extinto, vendo-se aí também a corporação dos bombeiros, comissão executiva da Câmara, autoridade administrativa, centros políticos, corpo docênte do Liceu, Associação dos Metalúrgicos, Academia, Associação Artística, colégios, banda dos Guises, etc....

O finado era entre nós muito considerado pelo seu excelente carácter.

*

Finou-se também a Sr.ª Maria Rosa de Magalhães, proprietária do antigo Café Martinho, ao largo da Oliveira.

A's famílias enlutadas as nossas condolências.

*

Pelas 11,1/4 da noite de domingo, manifestou-se um violento incendio na mercearia do Sr. Américo Rebêlo, ao largo 1.º de Maio.

A corporação dos bombeiros mais uma vez mostrou o seu arrojo.

Os prejuizos, no negócio, são totais e estão cobertos pela companhia «Garantia».

*

A Câmara Municipal, Associação Comercial e Associações de classe representaram ao Govêrno, protestando enérgicamente contra os açambarcadores da casca de carvalho, indispensável à antiga cortimênta de couros, desta cidade, e pedindo-lhe haja por bem reprimir qualquer abuso que porventura venha a praticar-se.

*

Regressou de Cantanhêde o Sr. D. José Ferrão.

*

Veio passar as férias da Páscoa com sua família o Sr. Mario A. Vieira, professor primário na capital.

*

Foram nomeados para constituírem a comissão de censura à imprensa, neste concelho, os Srs. general António Emilio de Quadros Flores e capitão Luís A. de Pina Guimarães.

*

Passou no dia 19 do corrente o aniversário natalício da Sr.ª D. Amélia Lima dos Santos Fonseca, esposa do Sr. José Joaquim da Fonseca.

O PARDAL NA SECÇÃO LITERARIA

Sexta da Paixão

A Ill.tre M.alle M. dos Anjos
H. F.—Braga.

Desde que vi nos teus olhos risonhos
Essas ânsias de amor, vida e ilusão
Que me toldaram a alma, já lá vão
Cinco anos, *cinco* nuvens, *cinco* sonhos!

Sonhos *de sextas-feiras de paixão,*
Retratos dêsse dia em que nasceram
Na minha mente, e nunca mais morreram
Como jamais na vida morrerão!

Nuvens *de afecto que aspiraste agora*
Sem remorsos das lágrimas doutrora
Por ti vertidas num delírio louco!...

Anos *passados num atroz martírio!...*
Anos que me levaram ao empíreo
De cinco "aleluias„ que achei tam pouco!

21—4—916. VÊ. E'ME. ESSE. CÊ.

AMOR

. . . . . .
Nas cinzas dum grande amor
ainda existe calor
a que a noss'alma se aqueça.

(Manuel Laranjeira).

Tudo desaparece. Mas o amor,
que é das crenças a mais pura e mais linda
tem sempre a mesma graça, o mesmo ardor.
—Tudo se vai, mas êle fica ainda.

Do riso ao beijo e desde a ave à flôr
tudo se vai na vida, tudo finda...
E nesta vida assim de luto e dor
só uma coisa fica: é êle ainda.

E' por isso que em mim renasce e vive
aquele imenso amor que já lhe tive
cheio de ardor e cheio de paixão.

Saiba portanto que êle não morreu
nem morrerá jámais, a não ser que eu,
um dia, deite fora o coração.

ARTUR DE MATOS.

DEVANEANDO...

E' no silêncio e soledade da Noute que maior vulto tomam os tétricos pensamentos dos infelizes.

Há quem goste do dia; eu, porêm, amo a Noute porque ela é a mensageira da minha ventura.

E' durante o dia que mais se avolumam os meus pezares ao vêr a alegria que todos fruem enquanto eu, absorto nas minhas dolorosas cogitações, sofro cruelmente.

Tenho-te, ó Noute, confiado as minhas mágoas, as minhas tristezas e as minhas desilusões...

E's o único amigo que me resta.

¿Quantas vezes, ao deixares-me, fico risonho e crente numa nova Esperança e no regresso me encontras melancólico e acabrunhado, sentindo sôbre o coração esfacelado por tanta desventura mais o pêso duma desilusão?

E tu, doce Lua que me esquecias, ¿quantas lágrimas tens visto correr dos meus olhos já cansados de tanto chorar?

Noute e Lua, vós sois as únicas que ao verem-me chorar uma felicidade perdida me não abandonam e na sua solidão encobrem ao Mundo o meu sofrer.

¡Que doce paliativo não encerra êsse negro manto constelado de miriades de estrelas que durante algumas horas se estende pelo orbe terráqueo!...

Leiria, Dezembro de 1914.

HIPÓLITO DE CAMPOS.

A LÓGICA DE UM ASSASSINO E DE UM LADRÃO

O ladrão dizia para o assassino:

—Eu, se roubar um pão para matar a fome, metem-me na cadeia e chamam-me ladrão. O comerciante, póde roubar à vontade, por que é sempre um ladrão honrado!

Diz o assassino:

—E eu, se para defender a minha vida, tiver que matar alguêm, prendem-me, chamam-me assassino e condenam-me à grilheta. O médico, é um assassino sempre simpático e desejado, a quem se paga e ainda se dão presentes pelo trabalho de matar.

...Vade-retro! Abrenuntio!...

LAVÍNIA LAGDEN.